

OS FAROLEIROS

Lembro-me, perfeitamente, de que um dos livros que mais impressão produziu á minha mocidade de estudante, num tempo em que a *mocidade lia*, foi o *Faroleiro de Aspiundal*, novela ou coisa parecida, do autor do *Quo Vadis*, obra que tanto alvoroçou o meio intelectual e não intelectual de todos os países cultos.

Apareceu-me então, diante do meu espirito e da minha sensibilidade, a odisséia desse obreiro admirável que á navegação tantos serviços presta, o faroleiro, e que, consequentemente, tão util é ao progresso e á humanidade, considerada a sua missão como um auxiliar poderoso da civilização e moralmente como um assistente ao homem que cruza os grandes rios e os oceanos.

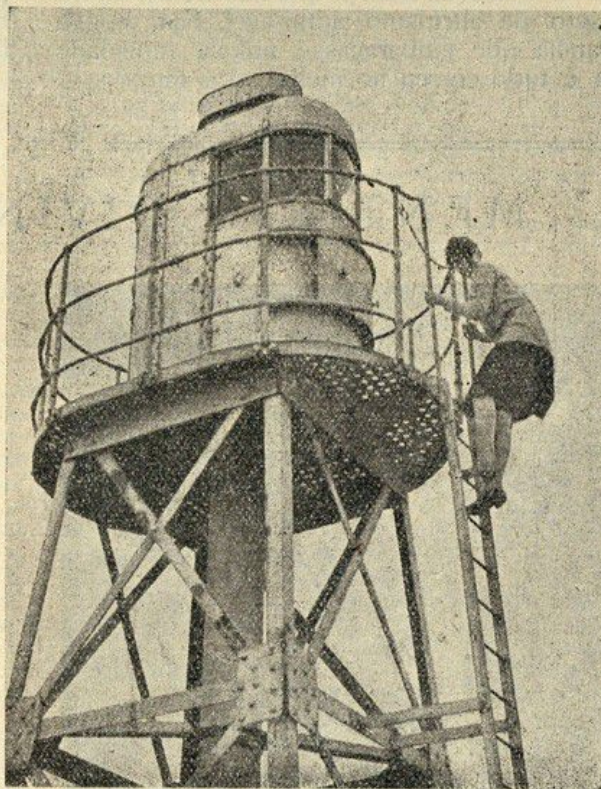
Isolado, firme, soberano, o homem que dirige o farol, que dele cuida com devoção, merece que o cantem as estrofes mais sentidas, que o louvem as palavras mais encomiásticas, que o marquem os pensamentos mais atentos, de maior ternura! E' facil, é até grato aos homens que são simples espectadores de acontecimentos marítimos, encarecer a grandesa do Mar, com a sua inconstancia que vai desde a tranquilidade serena e limpida das suas correntes até à impetuosidade fremente das suas procelas tremendissimas. E' empreza facil evocar os mistérios das suas ondas, ora espreguiçando-se serenas sobre a areia de oiro fôsko, ora arquiando-se incertas, em dorsos constantemente a renovarem-se, quebrando-se em furias incontinuas e subvertendo nas suas entranhas os navios poderosos que o engenho do homem construiu para a navegação ou para a morte!

Os grandes poetas cantaram o Mar, os escritores de maior categoria ergueram em seu louvor as imagens mais belas e mais expressivas. Os pintores fixaram nas suas obras a magestade dos oceanos, o pitoresco das margens dos grandes rios.

Mas, a par da grande vida dos mares, ao lado do fluxo e refluxo das suas marés, canta, flue, toma corpo a historia sentida dos farois, olhos atentos que espreitam os perigos, providencia consoladora que assiste aos que caminham serenos, ou que se perdem na ansia recalitrante do mar que não perdoa que o devassem!

E' a vida estranha, misteriosa do faroleiro que não se move do esconderijo onde prescruta a palpação dos oceanos para que dê o seu sinal de existencia aos que passam. De dia ou com o sol dardejante que põe lucilações magicas na superficie dos oceanos e dos rios, quando a viração é terna e a brisa afagante, o faroleiro, de animo tranquilo, assiste ao desfile das aves aquaticas que pairam confiadas em volta do seu

farol e ao traçado limpido que o navio abre nas liquidas paragens que a sua pequena fortaleza domina. Quando o vento açoita os costados das embarcações, ameaçando traga-las, lá está ele, vigilante, febril, a dizer que existe, ensinando os refugios, marcando a vida, a sua existencia de hora a hora. E, para os que passam, para os que se debatem, que refrigerio se levanta então



Ethel Langton, de 14 anos, que, na ausencia dos pais, assegurou o funcionamento do Farol de Santa Helena (Ilha de Wight), durante tres dias

que clarão de esperança os anima, por não se verem sós!...

A' noite, na escuridão fechada, impenetravel, o olho movediço ou fixo do farol contempla, com a alma do faroleiro, o navio que corta as ondas e ao qual acompanha e lembra que um coração bate no alto, a sondar o mar. Tudo pára, tudo se agita e o faroleiro firme, atento, não deixa de olhar, de sentir, de ouvir até com o coração. E' o mundo aparte, a vida da solidão enlevada nos eternos designios do oceano impassivel, forte, admiravel e terno!

Extranhos casos se contam que não roçam sequer pela lenda, historias verdadeiras que alimentariam poemas perduraveis de beleza e de heroismo. Foi agora, ha pouco, frente a Bembri-dge, no farol de Santa Helena. O casal de faro-

leiros caminhou para a terra na busca de provisões, á cata do abastecimento que o deixaria viver algum tempo.

Ficára só, a substitui-los, Ethel Langton, catorze anos sadios, bons de alma, são de corpo. Os pais demorar-se-hiam pouco: o tempo essencial para a provisão ser feita. Mas... a inconstancia do mar! O vagalhão batido pelo temporal inclemente sacudira a agua até então numa calmaria de *azeite*. Rugiram as suas entranhas revoltas, esmigalharam-se de encontro ás costas, aos rochedos, em milhões de gotas, pó liquido, e foram tres noites que uma eternidade separou pais e filha. Mas as lampadas funcionavam graças ás mãos da criança que não tremeram no seu acto de altruismo admiravel. Não houve ignorancia que embaraçasse aquela mocidade fresca e tudo correu no melhor dos mundos...

E a comida a faltar, e a solidão a esfacelar o coração!

E,... o mar quietou, as ondas arrumaram-se obedientes; já não se ouve o ronco formidavel da agua revolucionada, o vento deixou de sibilar e o sol dos grandes dias tranquilos e felizes aproximou de novo os corações e os corpos daquela população ingenua do farol. E os catorze anos de Ethel, heroismo magnanimo, alma enorme, velaram sempre, viram os perigos, assistiram à tormenta furibunda e, ao chegar dos pais, quasi inanime, destroçada pelo cansaço, lá estava ainda a olhar a imensidade do Mar, cumprindo o seu dever. Odisseia digna dos poemas mais magnificos, estupenda intuição da beleza do altruismo, do sacrificio pelo seu semelhante!

N. de B.